

COMENTÁRIO BÍBLICO

1º Domingo da Quaresma – Ano C

06mar2022

Deuterónimo 26,1-11; Salmo 91,9-16; Romanos 10,8-13

S. Lucas 4,1-13

¹Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do rio Jordão. O Espírito conduziu-o para o deserto, ²onde esteve durante quarenta dias e foi tentado pelo Diabo. Nesses dias, não comeu nada e quando chegou ao fim teve fome. ³O Diabo disse-lhe então: «Se tu és o Filho de Deus, diz a esta pedra que se transforme em pão.» ⁴Mas Jesus respondeu: «A Sagrada Escritura diz: Não se vive só de pão.» ⁵Então o Diabo levou-o para mais alto e mostrou-lhe num momento todos os países do mundo. ⁶Depois disse-lhe: «Posso dar-te todo este poder e a sua glória, porque tudo isto me foi entregue a mim e eu dou-o a quem eu quiser. ⁷Tudo será teu, se me adorares.» ⁸Mas Jesus respondeu-lhe: «A Escritura diz: Adorarás o Senhor teu Deus e só a ele prestarás culto.» ⁹Depois o Diabo conduziu Jesus a Jerusalém, levou-o ao ponto mais alto do templo e disse-lhe: «Se és o Filho de Deus, atira-te daqui abaixo, ¹⁰porque lá diz a Escritura: Deus dará ordens aos seus anjos a teu respeito para te amparem: ¹¹eles hão-de levar-te nas mãos para evitar que magoes os pés contra as pedras.» ¹²Jesus respondeu: «Mas a Escritura também diz: Não tentarás o Senhor teu Deus.» ¹³Após ter tentado Jesus de todas as maneiras, o Diabo afastou-se dele até um tempo determinado.

1. Neste episódio da Tentação de Jesus no deserto, o evangelho de S. Lucas junta os elementos das narrativas de S. Mateus 4, 1-11 (três tentações depois de um jejum de 40 dias) e de S. Marcos 1, 12-13 (quarenta dias de tentação). E altera a ordem das tentações para terminar em Jerusalém. Na leitura do “seu” evangelho, percebe-se que S. Lucas considera Jerusalém o centro predestinado da obra da salvação (ver S. Lucas 2, 38). O que interessa aqui – para além da dúvida sobre se o que aqui se conta sucedeu tal qual é narrado – é perceber que o mal (representado pela figura do Diabo) torna o homem um ser cativo. Uma vez usando a necessidade primária (o pão para matar a fome); outras, a apetência humana pelo “ter”; outras, ainda, a vontade de reconhecimento social conquistado com factos extraordinários. O ‘diabo’ sabe bem como usar estas vicissitudes e fraquezas das pessoas para as cativar e dominar. Ora, o que esta narrativa nos diz é que o verdadeiro caminho da libertação do domínio maléfico está, não na confiança em nós próprios e na facilidade, mas na obediência a Deus e na abnegação. E isto é algo que está cada dia mais em jogo nas nossas vidas. Hoje, sob o jugo do capitalismo neoliberal, somos dominados por um poder que nos manietta numa complexidade de vida de tal forma que somos induzidos a reproduzir a trama da dominação interpretando-a como liberdade. “É, em definitivo, a convergência entre liberdade e exploração na forma de autoexploração” (Byung-Chul Han). Olhemos, como exemplo, para o nosso telemóvel que, embora o vejamos como um instrumento para o nosso uso, em vez de nos apropriarmos dele, é ele que se apropria de nós e nos faz seus escravos.

2. Três vezes tentado, três vezes Jesus refutou as investidas do diabo com palavras da Escritura (“A Escritura diz...”). Isto deve querer dizer-nos alguma coisa. A leitura da Bíblia “não se traduz de forma direta em fé e prática religiosa”, diz-nos o Prof Barton da Universidade de Oxford.¹ Na verdade, de

quando em vez deparamo-nos com pessoas que demonstram apreciável conhecimento da Bíblia recitando de cor trechos da mesma e, no entanto, sem que tenham uma relação estreita com a fé nem com a prática religiosa. Pois, mas esse conhecimento pode constituir uma verdadeira ajuda para enfrentarmos algumas das exigências a que a vida nos chama. Assim como Jesus que utilizou uma passagem bíblica como resposta para cada situação em que foi interpelado. Até na Sua agonia na cruz *“Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?”* (S. Mateus 27, 46 – Salmo 22, 2). Ainda hoje me dou conta quanto me foi útil aquela prática da minha meninice de dizer um versículo bíblico de cor – texto áureo – na aula da Escola Dominical, cada domingo, antes do culto. Versículos que me ficaram gravados e me têm acompanhado na vida como: *“O Senhor é o meu Pastor, nada me falta”* (Salmo 23, 1); *“Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações”* (Salmo 46, 1); *“Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus”* (S. Mateus 4, 4); *“Pai-nosso”* (S. Mateus 7, 14); *“É na vossa perseverança que ganhareis a vossa alma”* (S. Lucas 21, 13); etc. É que, como diz S. Paulo, *“Tudo o que se escreveu no passado é para nos dar conhecimento que foi escrito, a fim de que, pela perseverança e pela consolação que nos proporcionam as Escrituras, tenhamos esperança”* (Rom.15, 4).

3. Entramos na Quaresma, o tempo em que somos chamados a um estado de espírito de introspeção, de análise do nosso estilo de vida com vista a uma conversão que nos aproxime de Deus. *“Para a religião é essencial a calma contemplativa.”*ⁱⁱ Estamos, portanto, no início dum percurso penitencial que nos vai conduzir à celebração da Páscoa do Senhor. Embora a cor litúrgica seja o roxo – símbolo da penitência com ênfase no pecado – o foco da nossa caminhada há-de ser o *“cantar a alegria do perdão”* (Irmão Roger, Comunidade de Taizé). Mais do que tomados pela tristeza do nosso pecado, caminhemos com a certeza alegre do perdão divino. Todavia, conforme o Evangelho de hoje, o Espírito por vezes envia-nos ao *deserto*, lugar de reflexão por excelência e também lugar de privação e de provação, onde só se pode levar o essencial. O Espírito Santo, como a Jesus, por vezes coloca desafios aos que assumem o seu batismo que são autênticos lugares de deserto (dúvidas na fé), de tentação (desejos e emoções que nos afastam de Deus e dos nossos irmãos), de provação (situações de dificuldades não esperadas). Nessas alturas só podemos invocar a misericórdia de Deus, apresentando-nos somente com o essencial de nós mesmos, e ‘usar’ a Sua Palavra como farol que ilumina o deserto e nos permite ver o caminho mais adequado para uma adesão ao bem que liberta em detrimento do mal que escraviza. Ora, isto é Quaresma qualquer que seja o mês do ano. Pensemos no Povo Ucrainiano que de um momento para o outro, de vida equilibrada, se vê ‘introduzido’ num deserto de incerteza, de provação, sofrimento e morte. O diabo no seu esplendor, separando famílias, matando civis, desinquietando crianças na sua incompreensão da guerra, esventrando uma nação só para dominá-la. A quantos irá esse mal dizer, daqui a tempos, *“se me adorares”*, dar-te-ei isto e aquilo... Ajudemos essa gente e oremos pelos que sofrem, pelos que morrem e seus familiares, pelos que resistem e mantêm vivo o sentido para a sua vida. E oremos também pelos seus algozes e invasores para que o Senhor transforme os seus corações e mentes e acabem com a guerra para que se inicie uma nova era de diálogo e concertação verdadeira e eficaz.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana

ⁱ John Barton, *“Uma história da Bíblia”*, Temas e Debates – Círculo de Leitores, Lisboa, 2019, pág. 21

ⁱⁱ Byung-Chul Han, *“Do Desaparecimento dos Rituais”*, Relógio D’Água, Lisboa, 2020, pág. 47